

sempre
fixe

QUINTA-FEIRA
Lisboa--9 de Maio--1929

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

155

sempre

fixe semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Pedro Bordallo

(Desenho de Rafael Bordallo Pinheiro, publicado na «Parodia — Comédia Portuguesa», de 15 de Janeiro de 1904).

C O L U M B A N O



Os ditos da semana



Os carrilhões de Maфра Os carrilhões de Maфра que são de bronze e que estavam descarilhados desde o tempo do pae Adães, entraram nos eixos. Enquanto andaram fóra dos eixos, ninguém pensou em concerta-los e só depois de reparados, carrilhados e afinados é que se fala em concertos. Vae toca-los o sr. Adães Bermudes, que é um pianista de primeira plana.

Já podemos morrer descansados que não nos faltará um dobre de finados.

Cigarros "Lusos" Da Companhia dos Tabacos recebemos um pacote da sua nova marea de cigarros «Lusos». Até faz pena que uma embalagem daquelas seja para rásgar. Simplesmente espampanante!

Por dentro ha cigarros, não ha pão bolorento. Bons cigarros. Aquilo fuma-se, puff... desfaz-se, desaparece e fica a gente com a embalagem na mão, com pena de não poder fazer uma piada a dizer que os cigarros não prestam, porque o que é difícil é fazer a piada a dizer que são bons. São bons mas gastam-se.

Deputadas Calculase em oitenta o numero de candidatas eleitas nas proximas eleições geraes inglezas. 80 mulheres a falar ao mesmo tempo, (porque as mulheres pedem um casaco de peles e um chapen da moda, mas não pedem a palavra) justificam de sobejo o regimen das ditaduras.

O Sahará D'O Seculo. TUNIS, 3.—Vae ser em breve apresentado ao Parlamento um projecto de lei tendente a fertilisar o deserto do Sahará.

Já estamos a ver como aquilo se faz. Primeiramente constroem-se grandes poços. Depois imensos canaes cortando o deserto em todos os sentidos e encomenda-se na União Fabril algumas toneladas de estrume. Lavra-se o deserto, semeia-se o milho e espera-se que o milho grele.

—E agua? perguntará o leitor a fazer de esperto.

—A agua obter-se-ha com as lagrimas daqueles que caírem na asneira de empregar

COLUMBANO

Quando um homem, como Mestre Columbano, reúne em volta de si tão vivos, tão calorosos e tão unamimes aplausos é que é indiscutível a sua gloria

O «Sempre Fixe» quiz deixar passar a onda, a multidão clamorosa que o cobria de flores e coroa de palmas a sua obra, para que no final da apoteose o pudesse proclamar «o maior de todos

Não viemos tarde, porque a sua obra é eterna

o seu rico dinheirinho numa empreza de tanta monta. E dizemos *monta* porque só quem fôr cavalo e cavalo dos que dão cavalaria, que são sempre tão estúpidos que até se deixam montar, é que vae numa fita daquelas.

E, ainda hão de sobrar lagrimas para a irrigação do Alemtejo que é uma especie de Sahará que dá cortiça.

Festival poetico Chegou-nos ás mãos o programa sensacional dum «grande festival poetico» em «homenagem ao querido discutido e apreciado poeta popular Henrique Bruno». Promove-a uma comissão do tamanho da legua da Povoia, para que a homeuagem seja

digna do homenageado e para que todo o paiz ali esteja representado. São todas as classes á compita.

Destaquemos alguns dos seus membros:

Francisco Manoel da Costa (pelos habitantes do Bairro Alto), Adetino Porto (Arsenal de Marinha), Lourenço Gonçalve (Imprensa Nacional de Lisboa), Frederico Ramires (idem), Anibal Duarte (pelos poetas do Sul), Pedro Rodrigues (pelos comerciantes de carnes verdes), Rui Ferreira Gomes (pelos comerciantes de vinhos), Armando Tavares (pelos empregados do comercio de Lisboa), Henrique Costa (pelos empregados dos talhos), João Pato (pelos fogueiros de Longo Curso), Julio Oliveira Antunes (pelos habitantes da Lapa), Alfredo Ferreira (Arsenal), José Martins (idem), Henrique Gomes (Moeda), Henrique Lourenço (Companhia Carris), Americo Alves da Silva (idem), Marciano Alves (Alfandega), Henrique Koer (pelos guitarristas portugueses), Meximino da



—Então eu pedi-lhe cerveja branca e você dá-me cerveja preta?!

—Oh meu senhor, a cerveja é branca o copo é que está um bocadinho sujo...

Costa (pelos manufactores de calçado do Sul), José Loureiro (pelos artistas de pica-limas do Sul), Joaquim Dias (Arsenal), José Julião da Silva (pelos comerciantes de Lisboa), Fernando Julido da Silva (pelos empregados menores de leitaria), Armando dos Santos (pelos cobradores de Lisboa), Joaquim da Cruz «Trouxa» (pelos empregados da I. N. de L.), João Fernandes (pelos condutores de carroças do Sul), António Maria (Arsenal), João Trovisco (fakis português), Alfredo Tavares (pelos compradores de peixe do Sul), José dos Santos (pelo Granio Literario Amadores do Fado), e Joaquim de Lima (pela classe dos barbeiros portugueses).

Ali ha de tudo, desde os comerciantes de carnes verdes até os pica-limas do Sul.

A festa começou no domingo passado e deve acabar daqui por quinze dias, se não houver muitos numeros bisados, a avaliar pela extensão do programa que tem 8 partes e 45 numeros, alem de duas peças prefazendo a bonita soma de 4 actos.

E' o que se chama uma festa de arromba, de que o programa constitue sem duvida um dos melhores numeros.

Um grande numero...

Os "palhinhas" Faltou a chuva e foi preciso fazer preces para que chovesse. Faltou a chuva mas também tem faltado o calor, aquele ar primaveril que convida ás hortas e ao chapen de palha.

Antigamente, o «palhinhas» era obrigatorio no domingo de pascoa. Cumprisse o tempo o seu dever que os janotas não deixavam de cumprir o seu.

Mas este ano anda tudo ás avessas. E' rara a chuva, é raro o calor e ainda mais raros são os palhinhas, tão raros como os dirigiveis que fazem pasmear a multidão.

—Lá vem um.

E fica a gente sem saber se se trata dum dirigivel se dum palhinhas.

Os "Fixes" Os ardinias do Sempre Fixe começaram esta semana a ter a sua semana de festas.

O papá *Diario de Lisboa*, o *Seculo* e o *Noticias* prepararam-se para que as festas resultem alguma coisa de interessante.

O *Sempre Fixe* como não pode preparar nenhum festival em honra dos simpaticos ardinias, faz-lhe apenas uma festa... na cara com a melhor das amizades.

No Solar da Alegria canta-se o Fado..

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NO TEATRO DA TRINDADE

ESTA pagina — já o dissemos, mas não é demasiado repeti-lo — não é de crítica ás coisas teatraes. E', sim, de comentario ao que se diz e ao que se escreve sobre teatro. Não é de critica por varias razões. A primeira porque não nos achamos com competencia para criticar, como se deve criticar e a segunda porque critica a valer, não se pode fazer em Portugal. Sômos um país pequeno e todos nos conhecemos muito bem. Todos nos tratamos por tu. Isto é o diabo, parecendo que não. Mas, adiante.

A que vem isto a proposito? Ah! já sabemos. De que ha quem julgue mal de nós porque tão depressa dizemos bem duma coisa como dizemos mal. Ha engano nesse pensamento. Nós não dizemos nada. Comentamos o que se diz ás mesas dos cafés e nos meios teatraes. Transcrevemos o que achamos bem arquivar nestas columnas. Ha coisas que não podem passar em claro. Precisamos mostrá-las ao publico, precisamos dar-lhes o destaque que merecem... Assim, por exemplo.

Deram-nos a lér o Boletim do Grémio Civil de Lisboa, deste mês. A pagina referente á estatística do movimento teatral fecha com um artigo intitulado *Nota final—As consequencias do desequilibrio e do teatro inferior*. Achamos tão estranho que um Boletim desta natureza falasse em coisas de teatro que abrimos bem os olhos e voltámos a capa para nos certificarmos se era realmente essa publicação a que inseria tal artigo. Era... apesar de parecer impossivel. O artigo merece ser transcrito. E' o que vamos fazer. Estas verdades devem ser lidas com toda a atenção... Ei-las:

«E' a estatística que o acusa, através dos seus numeros sobrios, mas expressivos, de uma clareza positiva e irrefutavel. O teatro português é, actualmente, um dos piores do mundo inteiro.

No primeiro trimestre do corrente ano, ou seja no periodo restrito de 90 dias, representaram-se 52 peças e, durante o mês de Março, dias houve em que apenas funcionaram em Lisboa — unico fulcro teatral do país — quatro casas de espectaculos.

De todas as peças apresentadas, sómente uma — traduzida brilhantemente — se pode classificar como pertencendo ao bom teatro. Essa peça foi «Topaze» e os tradutores foram Ramada Curto e Chapas Roquete.

Todas as outras, ou manifestaram a ausencia absoluta daqueles predicados que as elevam á categoria de *Boas Peças* e caíram sem remissão, ou agradaram por mercê da transigencia com o lado anomalo, com o caracter morbido das camadas incultas.

Na revista, um grupo monopolista do genero, formado por escritores quasi esgotados, que pela sua abundante produção continuam a substituir o dito espirituoso pelo palavreiro da rua, a faceta graciosa pela pornografia, invertendo completamente a missão a que o teatro sempre se destinou, com prejuizo dos capitalistas, empregarios, dos artistas, da colectividade, de todos, — só com o interesse financeiro.

Por isso não admira a falencia sucessiva das empresas, o desemprego de artistas, o afastamento do publico.

Por isso, é perfeitamente natural a decadencia e crise observadas. Se tudo é desequilibrio, confusão, ausencia de senso, derrocada...

Ha mais... mas isto parece-nos que chega para o publico ficar elucidado...

O Boletim acima referido dava materia para a pagina toda, mas talvez



Felix Bermudes, João Bastos e Pereira Coelho
os autores da esplendida revista «Pó de Maio», que no proximo domingo se representa em «matinée» a favor dos vendedores de jornais, em festa promovida pelo «Diario de Lisboa».

fatigasse... No entanto, ha ainda outra passagem que não resistimos a trasladar. Vale quanto pesa. Ao mencionar o que houve de importancia, no mês de Fevereiro, diz:

«A festa de Alves da Cunha, o grande comediografo, e a reaparição de Ester Leão, no Apolo»

Chamar *comediografo* ao A. da C. não lembra a ninguém. O que havemos de chamar ao R. C.? *Comedian-te!* Talvez... Tudo pode acontecer!...

AINDA o Boletim... Tenham paciencia os leitores... mas isto é muito bom.

Ora leiam mais este pedaço, arrancado á dita publicação:

«Atribue-se a variados factores a crise desesperada que o Teatro Português atravessa. Um deles, o mais contestado por sinal, é o do quasi total esgotamento dos autores em voga, de cuja imaginação — com raras e honrosissimas excepções — não brota já uma ideia feliz, um entreccho apreciavel, uma scena trabalhada com desenvolta galhardia, uma situação, uma frase, enfim. No teatro musicado, sobretudo no de fantasia, — a isto nos queremos referir em especial — a crise apresenta caracteristicas de quasi absoluta falencia. E' uma pavorosa mediocridade, um infima e arreliante insignificancia! Ou se entra desafortadamente na pornografia descaravel ou cai-se numa estagnada e sonolenta es-

tupidez, sem um vistumbre de espirito, sem uma atitude salvadora, sem uma frase que n.s. desquite do sacrificio de duas ou três horas suportando a ma's assombrosa e revoltante imbecillidade, que um bom elenco, uma montagem rica e um guarda-roupa de deslumbrar só por milagre conseguem furtar ao naufragio! E' um verdadeiro panico, este arrazamento do mais elementar bom senso, do mais ingenuo espirito de auto-critica.»

Não vale quanto pesa, este Boletim?

DEPOIS duma «fantastica» viagem do automovel, regressou de Sevilha o actor E. A. Fazia-se acompanhar pelo seu colega N. F.

Na cidade andaluza encontraram o C. P. Disseram-lhe das delicias da viagem e falaram-lhe do automovel que os tinha transportado. Acamaram juntos pela *calle Sierpes* e foram a *los toros* de automovel — mas não no da viagem...

— Esse — dizia o N. F. — ficou na *garage* a limpar-se da poeira...

No ultimo dia da estada em Sevilha, o C. P. perguntou pelo automovel.

— Ainda não se levantou. Perdeu a noite e está a dormir — respondeu o E. A.

A' hora da partida para Portugal, o C. P., não vendo o carro, inquiriu novamente do seu paradeiro.

— Sevilha não o encançou. Retirou-se sózinho. Já deve estar em terras

de Portugal — disse do lado o N. F.

E meteram-se no *auto-car* para Aya-monte.

Ao chegarem a Lisboa — na estação do Sul e Sueste — olharam um para o outro e ao mesmo tempo pronunciaram as seguintes palavras:

— Optima viagem. Boas molas, bom andamento e principalmente — podemos jurar — o automovel não teve nenhuma *panne*... Vamos fazer um grande *reclame* á marca, que é... o que ha de melhor...

E o N. F., já no *taxi* e ao passar no Rossio, exclama:

— O' A., quanto te custou a rifa em que te salu esta viagem maravilhosa á capital da Andaluzia?

— Custou — eu te digo — ter pago a viagem de comboio, de barco e de *auto-car*... A tal viagem de borla lembra-me aquelas mulheres que não nos custam nada... mas que são as mais caras... Juro-te que nunca mais compro rifas... e rifas premiadas com viagens de automovel...

A HISTORIA dos «Doze de Inglaterra» vai repetir-se...

Leia-se esta noticia:

«A exploração de verão no T. P. vai fazer-se com uma revista no estilo dos «Folies Bergères» e do «Casino de Paris», colaborada por doze escritores da especialidade.»

Doze, isto é, fóra os da musica... Contando bem, devem ser trinta...

O que sairá daquilo?

Talvez o calor derreta tudo e então é provavel que a mistura dê resultado.

No entanto, é bom lembrar que «pana mexida por muitos não dá bom caldo»...

QUANTOS artistas — graduados — estão sem contrato?

Não dariam mais duma companhia, bem melhor das que estão funcionando actualmente?

A COMISSÃO nomeada para tratar da Casa de Garrett ainda não reuniu... que nos conste.

Porque se espera?

VAI «dominar» esta semana no T. N. o nosso M. D.

Já era tempo do antigo «Príncipe Herdeiro» mostrar as suas habilidades, já exibidas em terras de Castela e da Catalunha...

O exito deste original vem de fóra... de portas... Esperemos pelo que vai fazer dentro das ditas...

QUEM é a «Trindade da Purificação» que assina um original em scena?

Vamos revelar ao publico o nome desses três «encobertos».

Alí ficam as iniciais:

J. C. de O.

L. de O. G.

C. S.

Estamos a vêr a cara deles ao lerem o que fica acima. Devem exclamar:

— Santissima Trindade! Fomos descobertos!...

O Homem das 5 horas

O Fado por Alberto Costa só no Solar da Alegria.

FUME **SUNRIPE**

Elevador da Gloria

O *Sempre Fixe* tem um critico de arte que não percebe nada da materia, tal qual como os outros que fingem saber muito. Enviado á Exposição Nacional de Belas Artes, entrou pela porta do cavallo e saiu, montado no mesmo, pela das intelligencias.

Na albarda trazia as varias impressões, dignas de serem lidas, por pertencerem a um substantivo feminino, que ha muito não corre em Portugal; a verdade. Vamos a ella, como gato a bofe. Na pintura propriamente dita, exumam-se ou sepultam-se:

Antonio Soares, que está de luto. O retrato da sua bailarina — que não baila — é negra como o carvão e triste como um carro funerario da agencia Magno.

Domingos Rebelo. Fez uma Amélia Rey Colaço, que tem a cara onde devia ter o assento. Impossivel descobrir como o artista conseguiu unir dois pontos que até agora são, por natureza, diametralmente opostos.

Fernando dos Santos. O seu *panneau* de Bocage, apetitoso por varias razões e mais uma, tem um caracter feminino que enthusiasma o mais amorfo. E' um talho de carne congelada.

Simão de Veiga, pudibundo, tapa as coxas de Diana com um focinho de rafeiro, mas descobre o resto que não é mau... Continua dando lições de equitação a varias amazonas graciosas.

Alves Cardoso. Extenuado por ter pintado, no Brasil, um retrato por dia, o que leva a dizer um brasileiro celebre tratar-se dum pintor á maquina — não appareceu. A arte lastimosa.

Varela Aldemira. Pintou o Acúrcio Pereira mais bonito do que ele é. Aquilo não é um jornalista; é um anjinho.

Emília Santos Braga. Uma santa, que perdôa á pintora todos os peccados de lesa-artes cometidos á sua sombra.

Veloso Salgado. Voltou á sua mocidade. Pinta agora melhor.

Albano de Almeida. Bombeiro voluntario que anda sempre a apagar incendios, como se vê pelo fumo dos seus quadros.

Henrique Tavares. Descobriu a Siberia em Trás-os-Montes. Aquilo é frio!

Romano Esteves. Faz cada caçada! Numa matou um leão... embalsamado. Noutra um vitellino... desmamado.

Segue no proximo...

Qual é a coisa qual é ella...

que entretém, que alegre, que diverte, que proporciona horas de prazer á petizada, que não custa mais por isso e que se pode converter num automovel de 35 contos, num sacco de 100 libras, numa mobilia, numa viagem, num vôo como os passaros!

— O jogo das ADIVINHAS POPULARES do *Diario de Lisboa*.



— Sabe cozinhar a preceito e fazer folhados?

— Sim, minha senhora, ainda que me pareça mal dizê-lo...

— E vocecê tem pai e mãe?

— Tenho sim, minha senhora... ainda que pareça mal dizê-lo!

A sogra do Celestino

Celestino, o nosso incomparavel amigo Celestino, mandou a familia a veraneiar. Foi a esposa, foram os filhinhos. E, para a magra bolsa de funcionario, esse encargo tremendo foi compensado com a presença da sogra nos arranjos familiares da casa, a essa hora deserta de afeições e carinhos.

E' preciso notar que a sogra do Celestino era uma senhora ás direitas; e tão ás direitas que o genro, agradecido, lhe attribuia o doce nome de «mamã», e para os estranhos o de «mãe de minha mulher», para esconder o que de pejorativo existe nesta palavra — sogra...

Ora, e aqui é que começa a historia do nosso amigo Celestino, a «mamã» entrou a adoecer e prestes guardava o leito, fortemente engripada.

As noticias para a familia, porém, eram animadoras — não fôsse a esposa, alarmada com a doença da mãe, empreender nova viagem, que de todo esvasiasse a já magra bolsa do Celestino. Mas a doença ia crescendo. Os medicos foram impotentes para debelar a crise, e a «mamã», numa bela tarde, entregou a alma ao Creador, volvendo um sorriso agradecido para o genro amigo...

E, daí, os trabalhos do nosso Celestino. Uma noticia brusca para a esposa, participando o sucedido, era o diabo...

— A Felismina é atrelta a congestões... Já uma vez... — pensava o Celestino, apreensivo.

E é que de facto não encontrava

saída para a situação. Era um Celestino encravado... Por outro lado, se não contava o sucedido, quem aturaria a Felismina?!

— E ella que tem tão mau génio... — monologava o nosso amigo

Entretanto, a hora do funeral aproximava-se. Ia alta a madrugada e Celestino pensava.

Por fim resolveu-se. Um telegrama cuidadoso resolveria o assunto.

Prepara-se para sair. Olha o cadaver da boa velhota mais uma vez. Limpa uma lagrima furtiva e teimosa, que lhe borbulhava ao canto do olho mortico, e, por fim, lá vai, a caminho do telegrafo.

— Um telegrama cuidadoso... — pensava.

E, mentalmente, ia arranjando redacção conveniente ao caso, mas baratinha e por isso escassa de palavras, que os fundos não abundavam...

Frente aos «guichets» do telegrafo, ainda não se resolvera em definitivo. As ideias baralhavam-se-lhe na cabeça lisa como uma lousa de sepulcro. Por fim decide-se. Toma um impresso. E, na sua bela letra de funcionario da 90.ª repartição da Instrução Publica, letra que era o seu orgulho e lhe valla três elogios por ano do seu chefe, escreve, pausadamente, pensando uma a uma as palavras, como se ellas decidissem da vida da esposa querida, tão sujeita a congestões:

«Tua mãe constipadota. Funeral amanhã. — Celestino.»

FREI TOMAZ

Numa aldeia onde o povo, muito religioso, não faltava nunca ás praticas religiosas, bebendo as palavras do paroco nos respectivos sermões, como se emanados fossem da propria divindade, todos cumpriam á risca os conselhos e ensinamentos que do pulpito lhes vinham.

Certo dia, o prior, que era tambem um dos maiores lavradores do sitio, num sermão eloquente, verberou com aspereza a desmedida ganancia de certos lavradores, que estavam explorando a miseria, vendendo o trigo a oito e nove tostões, quando — dizia elle — não o deviam vender a mais de sete, porque ainda assim por esse preço o lucro era já sufficientemente compensador.

Findo o sermão, cá fóra, um dos ouvintes dirigiu-se ao prégador e disse-lhe:

— O' sr. prior, eu precisava comprar ahí uma porção grande de trigo e se o sr. prior me quizesse vender do seu...

— Pois sim, a minha colheita foi boa e posso ceder-te uma porção a oito tostões.

— O' sr. prior, mas vossa reverendissima disse ha bocado, no sermão, que não se devia vender a mais de sete!

— Pois sim, mas uma coisa é prégar e outra vender trigo...

C. M. L.

Quando passa um camião p'la frente da minha casa, dá-me um pulo o coração... parece que elle se arraza.

Com as tais duras bandages e a sua trepidação, só vejo nelas vantagens de pôr-me a casa no chão...

O' gentes do Pelourinho, Se me querem ser simpaticos, até lhes dou um bejinho: decretem os pneumaticos.

O futuro que me aterra e nos espera — não brinco, é pior que o tremor de terra de — um, sete, sete, cinco!

J. B.

Ter um automovel

Eis o objectivo de todos os leitores do *Sempre Fixe*. Pois o papá *Diario de Lisboa* oferece-lhes probabilidades de o possuir, bom, da grande marca «Essex», desde que concorra ao jogo das ADIVINHAS POPULARES.



— Ingrato!... Tinhas-me jurado um amor eterno!...

— Oh filha!... Mas lembra-te que já vão dezoito meses!...

Cear bem passar uma noite agradável, só no Solar da Alegria.

WINE SUNRIPE

A CONSULTA



— Nas subidas, fico cansado e falta-me o ar.

— Por que não procura você, descidas?!

Ideias luminosas

Essa complicadíssima família dos candieiros da iluminação pública, que dá a luz todas as noites, conforme a potencia das lampadas, merece que se lhe organize uma arvore genealogica, como aquelas que o sr. Perry Vidal costuma rebuscar nos armarios carunchosos e nos baús de pre-garia.

Os candieiros, embora não pareça, também tiveram antepassados; os candieiros também se reproduziam, e, por ultimo, até se enxertaram.

A avô-lamparina e o avô-lampião, segundo consta dos pergaminhos da família tiveram filhos legítimos que deixaram descendência no Rossio e na Betesga, largamente representada pelo arco-voltaico e pelos bicos dum gaz tão pobre que até soluçava ao vento com saudades do petrolio... Mas um dia, o gás tremeu, tremeu e quedou silencioso...

A electricidade appareceu com *tollettes* feéricas; deslumbrou! Trouxe joias reluzentes, joias de mundana cara e começou a dar a luz... Aqui é que foram elas!... Os antigos candieiros de gás, os velhos candieiros de barbas brancas e de camisa róta; vergados pelo peso dos anos, furados pelas revoluções, lançados pelos bebados, com a zona ás costas e com a direcção prohibida na altura do umbigo, abanaram a cabeça, torceram-se, sentiram a electricidade meter-se-lhes por dentro e viram com espanto nascer um novo ente que começou por garfo de três bicos e acabou em nabo saloio... E appareceram os bastardos; os candieiros de tromba para baixo, os magros, os gordos, os raquiticos, isto sem contar com aqueles em forma de sofisma ou em sistema de poleiro que não dão luz nenhuma, mas que servem muito bem para ter um papagaio em casa...

O que é certo é que, com esta furia de luz, estragaram o Terreiro do Paço, ofuscaram a Estrela, e até deram cabo dos bancos da Avenida que já não servem para nada...

E é tanta a luz em Lisboa, que a Hortense, temendo a concorrência, foi com a «Ramboia» para o Porto...

Fez bem. Eu sempre ouvi dizer que á noite é que se vai para a «borga»...

Sete e Meio.

Cem libras em oiro

É um premio bonito do Concurso das ADIVINHAS POPULARES do *Diario de Lisboa*, o mais pratico e o mais util de todos os concursos.



O chefe: — Porque esbofeteou você a sua mulher?...

O marido: — Eu cá, só lhe bati com a ponta do lenço...

A mulher: — Saiba o senhor chefe, que o meu marido assou-se á mão.

Uma boa noite com fados só no Solar da Alegria

FUME SUNRIP

Recordando

Moreira de Almeida, esse excelente jornalista que a morte nos ceifou com aquela arrogancia e impiedade com que tem levado, nestes ultimos tempos, jornalis. de real valimento, era dum nervosismo extraordinario. Irritava-se constantemente, mas nunca, todavia, dessa quebra de serenidade surgia uma offensa. Zangava-se por tudo e por nada, sempre por mór de *O Dia*. Dum continuo sei eu — o Rodrigo — que, em doze meses, foi apenas despedido por ele setecentas e trinta e duas vezes, com a agravante de o ano não ser bissexto!

Eu trabalhava então lá pelo jornal. Eu e, entre outros, o Antonio Santos — bom camarada — que, apesar das constantes recommendações de Moreira de Almeida, só apparecia quasi á hora do jornal fechar...

E bastas vezes o Santos, imperturbavel no seu pomposo charuto, encontrou sobre a banca de trabalho bilhetes do director pedindo-lhe mais pontualidade na hora de entrada.

Um desses bilhetes, escrito com aquella charadística letra do Mestre, dizia, pouco mais ou menos:

«Sr. «Conselheiro» Antonio Santos! — E' meio dia e meia hora e saio sem ter tido o gosto de vê-lo.

«Então quando se resolve V. Ex.ª a passar por cá um pedaço da «manhã?»

O Santos chegou. Olhou o papel. Decifrou-o talvez. Todavia, quando lhe perguntei se o entendera, respondeu negativamente, afirmando, uma

vez mais, que a *letrinha* de Moreira de Almeida era incompreensivel.

Li-o eu então.

— Pois sim. Pois sim!... Mas eu não entendo!... — diz-me o Antonio Santos com serenidade que hombraeria a do queimar do charuto.

E no dia seguinte... voltou a entrar ás 3 da tarde!

* * *

Pois lá no jornal havia também, na administração, um rapazote dos seus catorze anos, chamado Correia. Um dia, Moreira de Almeida chamou-o ao gabinete e disse-lhe:

— O senhor vai á igreja dos Martires e sabe se amanhã lá está exposto o *Lausperenne* e a que horas.

— Sim, senhor.

O garoto, todavia, não entendera bem o recado. Foi por isso junto do administrador — o Salvador Mousinho, que hoje administra a gazeta do sr. Antonio Maria Carvalho da Silva — que lhe explicou as coisas o melhor que ponde, escrevendo num papel: *Lausperenne*.

E o garoto partiu.

Um quarto de hora volvido, Moreira de Almeida, vendo o pequeno Correia entrar no gabinete, atirou-lhe a pergunta:

— Então?

— Sim, sr. Moreira de Almeida. O sr. prior manda dizer que o sr. *Lausperenne* está amanhã lá na igreja ás 11 horas... e espera por V. Ex.ª

Tableau!

Luiz Figueira.

NO RESTAURANT



— Que porcaria é esta, um cabelo na
— Isso não pode ser, o cosinheiro é c... até usa
capachinho!...



O mêdo é livre!...

Após o acôrdo romano, impunha-se a vinda do Nuncio... de Alcacer. E por isso o publico encheu o Campo Pequeno, pequeno para conter uma multidão que encheria a nova cidade romana, apesar da cidade militar de Madrid se encontrar á mesma hora com a cidade militar de Lisboa, ali ao lado, no Campo Grande, grande mas não sufficiente para todos os *aficionados* da bola.

Claro que, além destes, ha os *aficionados da corda*, ou seja os *aficionados* ás habilidades que Charros Mexicanos fazem com a corda, lançando touros, cavalos e... publico. Porque não ha duvida que os Charros Mexicanos — não confundir com os *Chatos* Peruanos dos Medicos em Algés — *tem corda* para muitas corridas. Domingo até bandarilharam a duas mãos, para arrelhar o Nuncio, a duas mãos e á amazona, que é coisa que o Nuncio não pode fazer. Evidentemente que isto de bandarilhar a duas mãos o fazem os Charros um pouco á mexicana, isto é, revolucionariamente.

Ricardo Teixeira continuou actuando de *Cardenal* secretario, desta vez acolitando o Nuncio num só touro, mas provando que é bom rapaz e não ser já o «cavaleiro-maluco», como alguns diziam, mas um cavaleiro brioso e esforçado.

Aí, seu Teixeira! E, áparte brincadeiras, saiba que cá em casa se está ao lado dos modestos, e desinteressadamente, para ricos e pobres.

Lidaram-se touros do sr. Coimbra — que não é o mesmo que touros do campo de Coimbra — e todos estavam gordinhos, crescidinhos e... sabidinhos.

Mas mais sabidos são os nossos peões, alguns bem gordinhos e crescidinhos!

Oh! filhos!! Aquilo é que foi panico! Enfim, o mêdo é livre, mas ha outras profissões livres onde o mêdo é muito mais livre!

Perez la chaise.

Voar! Voar!

Ir a Sevilla, a Granada, estar oito dias no Bussaco, oito dias no Estoril, descansar, fugir da cidade, ler o *Sempre Fize* longe de Lisboa — tudo isto de graça se pode conseguir concorrendo as ADIVINHAS POPULARES do *Diario de Lisboa*.



— E' verdade!... Fiz mal... mas se te insultei foi na loucura dos clumes...
— Mas os quinhentos escudos que me pediste foi em plena lucidez!

A minha lógica O cumulo da escuridão

Em tempos que já lá vão, tinha um alfaiate que me fazia fatos a prestações. E uma vez, pela força das circunstancias, atrazei-me no pagamento da ultima prestação. Ia-me desculpendo, é claro, conforme podia. Porém, quando uma tarde eu passeava na Avenida da Liberdade, vi o alfaiate — terrível crédor, a sombra mais negra que então para mim existia — dirigir-se-me resolutamente e com o sobrecolho carregado.

— Meu caro senhor — pergunta o alfaiate em questão — quando tenciona pagar a sua ultima prestação?

A esta pergunta respondi com uma outra, sem perder a linha:

— Você deve alguma coisa aos seus officiaes ou aos seus fornecedores?

— Não, não devo nada — respondeu-me o alfaiate, bruscamente.

— Bem — repliquei eu — se é assim, você não está com a corda no pescoço e pode muito bem esperar mais alguns dias por um dinheiro que espero receber.

O alfaiate mordeu os labios superior e inferior e... teve de conformar-se! Mal não eram passadas duas semanas, encontro de novo o alfaiate. Decididamente eu andava com azar!...

E' claro que me exigiu o pagamento da conta, alegando que estava muito precisado de dinheiro.

— Você deve a quem? — interroguei eu, prevendo ja a resposta.

— Sim, senhor, devo, infelizmente...

— E porque não paga?

— Porque não tenho dinheiro; porque não recebi as quantias que esperava.

— E' exactamente o meu caso! Eu tambem não tenho dinheiro. E estimô muito vêr que você está em condições de compreender a minha situação!...

O alfaiate ficou desconcertado. Contra a minha logica não havia recurso!...

Eu.

Alto está, alto mora...

Um dos ricos premios do Concurso das ADIVINHAS POPULARES não está tão alto que, no sorteio feito perante a autoridade, não se possa daltar a mão. E' questão de concorrer.

Uma exposição de rosas

No salão nobre do Teatro Nacional conserva-se aberta até domingo a exposição de rosas com que brindam Lisboa todos os anos os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

Embora pareça estranho que um Silva dê rosas, a verdade é que não ha Rosa nenhum por esse mundo de Cristo capaz de dar rosas tão lindas como as do Moreira da Silva.

Vocelencias hão de concordar que elas não são silvas — são rosas.



— O' papa, onde é que fica Pique?...
— Não me consta que haja terra com esse nome...
— Então aqui o jornal diz que um navio foi a Pique!

O relógio do Matadouro marcava dez horas e soavam as dez badaladas respectivas quando um homem alto e magro, de cabelo á escovinha e mãos nos bolsos se sentava num banco, na Praça do Camarada Fontana.

Era uma noite escura, muito escura. Os candieiros, como quasi sempre, não iluminavam, e a Lua — eterna confidente dos idilios nocturnos — tambem se negava a aparecer.

O tal homem — o senhor Januario Xadrez — olhava as flores murchas e sonhava inebriado pelo cheiro de cebola duma criada que estava ao seu lado.

Sonhava, sonhava... e dizia: — Que parvo tenho sido. Em vez de perder tempo com amôres momentaneos, devia ter casado.

Casar, ter mulher, meninos e meninas... é ter tudo, porque o resto é quasi nada.

Mas, agora vou casar, isso vou. Mas quero uma mulher moderna, modernissima, uma mulher que salte, pule, dance e berre; que vá ao cinema, aos chás, aos bailes e ao barbeiro; e que seja desportista e toureie se necessario fór.

Assim serei feliz. Enquanto sonho, enquanto estiver envolvido pelas espirais do seu cigarro, eu envolvê-la-hei com as minhas tranças.

Necessito de descanso. Então, permanecerêi no lar contando historias e mudando as fraldas aos filhinhos dela.

O Januario via a felicidade atravez do fumo dum «Sunripe» da «Tabaqueiras», fumo que expelia pelo nariz, dando-lhe outra serventia: a de chaminé.

Involuntariamente, olhou para o lado esquerdo e viu uma dama alta, elegante e... não viu mais porque estava muito escuro.

A dama, afastada talvez uns oitenta metros, caminhava apressadamente. O Januario levantou-se e seguiu-a, tentando quanto possivel, aproximar-se.

Andou... andou, mas, quando distava dela uns quarenta metros, a dama entrou para um automovel e seguiu.

Felizmente, para ele, tinha dinheiro e, assim, pôde tomar um automovel e seguiu-a.

Aquela perseguição lembrava as perseguições nos filmes.

O Januario, tão influído estava, que imitava os movimentos do condutor: travava, voltava, mudava velocidades e, com o entusiasmo, até lhe deu alguns pontapés nas canelas.

O automovel que conduzia a dama, parou noutra rua muito escura, e o que conduzia o Januario parou tambem.

Cada um pagou a sua despesa. A dama entrou na porta numero trinta e cinco e o Januario seguiu-a. Ela assistou-se, supôs que fôsse um gatuno, mas, escutando-o, convenceu-se de que era um apaixonado.

O Januario, depois de dizer muitas coisas bonitas, esperou uma resposta.

Mas em vão. Não obteve resposta. Ouviu, somente, um suspiro vibrante e prolongado, que o autorizava a dizer mais... e mais.

Como os saloios, elogiava a fazenda e apalpava-a. Tudo decorria normalmente, até que, um vulto que surgiu no limiar da porta, pôs termo ao idílio. Era o guarda nocturno que, disposto a fazer luz num negocio tão escuro, focou os protagonistas, dizendo:

— Namoro numa escada. Não ha vergonha!

O Januario, talvez para mostrar que tinha vergonha, baixou imediatamente a vista. Porém, pouco a pouco, desviou o olhar para admirar a sua companheira e, repentinamente, deu um encontrão no guarda nocturno, e saiu.

O guarda nocturno, conforme pôde, levantou-se e, com ar de valentão, disse para a dama:

— E' o que se viu. Aqui no bairro todos têm medo de mim. Vocelencia viu como ele fugiu.

— Vi — respondeu a dama — porém ele fugiu de mim...

E' claro, o Januario fugiu porque sofreu uma desillusão. A dama em questão era preta.

Viterbo de Campos.

Um passeio do Automovel Club de Portugal ás Caldas da Rainha



Em virtude do mau tempo, parte dos socios do A. C. P. brilharam pela sua ausencia.

BOM HUMOR

Entre noivos:

Ela: — O que te respondeu meu pai quando lhe disseste que só tinhas cinco contos para o nosso casamento?

Ele: — Pediu-me três...

— E' horrivel que tu e teu marido estejam sempre á pancada. Porque não te separas?

— Isso nunca! Era fazer-lhe a vontade...

— O Malaquias comprou um acendedor de prata e deu uma festa...

— Naturalmente, para a colocação da primeira pedra...

— Ainda me lembra quando andava duas leguas para bater em alguém...

— E acto continuo voltavas a pé?

— Não! Numa maca...

— Sr. empresario. Tenho um invento que permite esvasiar um teatro em cinco minutos!

— Não me podia arranjar que o enchesse em meia hora?...

Ela: — Já dedicaste algum livro a tua esposa?

Ele: — Sim; um.

Ela: — Qual?

Ele: — O de cheques...

A visita: — Vejo que tens uma nova criada.

A dona da casa: — Hoje em dia, todas as criadas são novas, querida...

No talho:

O patrão: — A carne, hoje, subiu.

A criada: — Então dê-me meio quillo da de ontem.

Na rua:

A vítima: — Não se preocupe; não estou ferido.

O «chouffeur»: — Oh! E' um prazer atropelar-se uma pessoa tão bem educada...

Um conselho

Quer o leitor divertir-se, entreter a sua familia, ficando habilitado aos premios compensadores? Aproveite o *Diario de Lisboa* e concorra ao jogo das ADIVINHAS POPULARES.



— Que diabo é esta coisa de esperanto?

— Não sabes?... Pois é a lingua universal!

— E onde é que se fala?...

— Em parte alguma...

FUME SUNRIPE

Uma noite com guitarradas e f dos só no Solar da Alegria



As manobras militares no campo do Sporting Podia ser paiór

O Lisboa-Madrid militar constituiu um exito de bilheteira quasi comparavel ao dum Portugal-Espanha.

O publico entusiasmou-se com as manobras anunciadas para o terreno do Campo Grande e assaltou as bancadas, assaltou a geral, assaltou as bilheteiras, assaltou os taxis, assaltou os carros electricos, etc.

No ground chegou mesmo a saltar as vedações, instalando-se na terra de ninguem...

No electrico para o campo das manobras, cinco aficcionados discutiam a seu modo profissionalismo e amatorismo. Havia um que era inquebrantavelmente *amadorista*. Fez uma grande prégacao sôbre as virtudes dos que não recebem e terminou assim:

— «Porque não ha direito de, numa «equipe», haver três ou quatro que ganham dinheiro — e os outros não receberem nada!»

Toda esta discussão vinha a proposito dum jogador que exigira dinheiro para fazer parte do team militar de Lisboa.

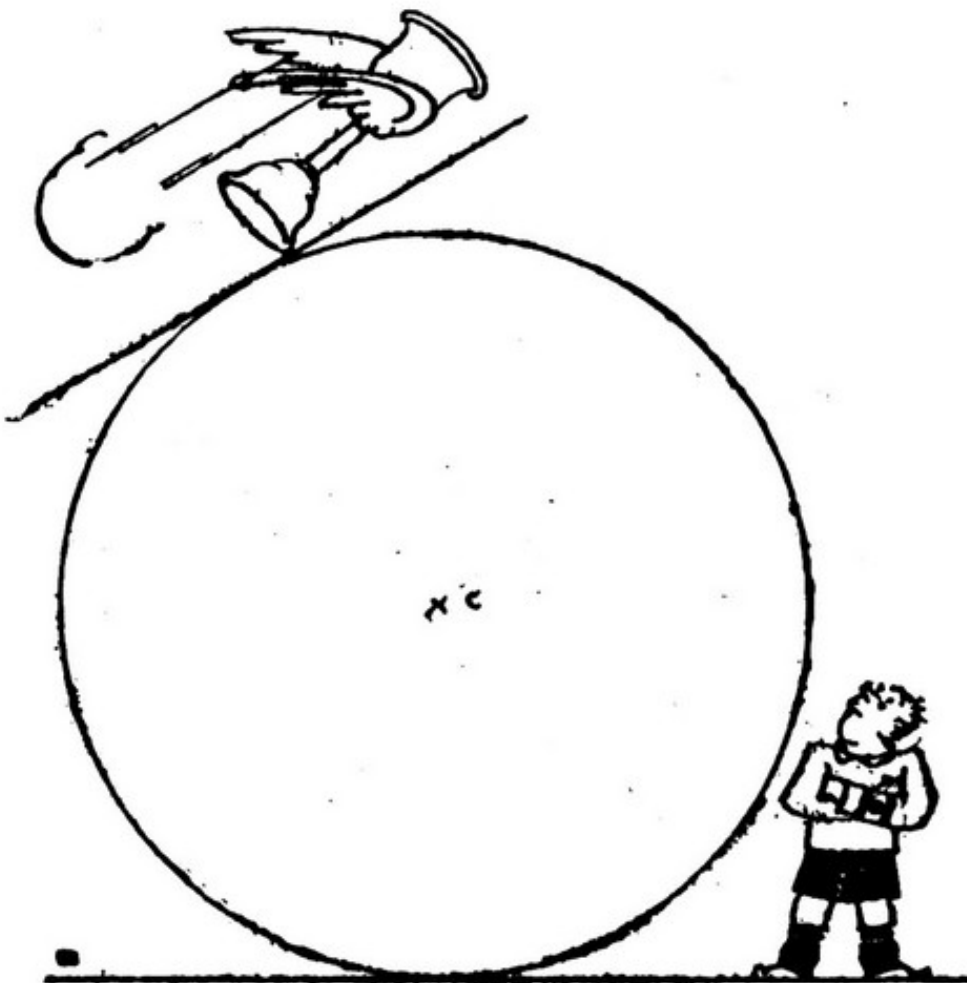
Teve, ao que parece, como resposta: — Uma ordem de mobilização e a ameaça de ir parar uns dias ao presídio militar.

Ora aí está o unico processo de acabar com o profissionalismo!

A ideia de realizar um tão sensacional recontro no campo do Sporting não foi feliz.

Cincoenta por cento dos espectadores só viu os tiros altos...

O unico lugar bom era o dos camarotes, onde se alojara o quartel-general.



Foi-se pela tangente e viva o velho

A guarnição de Lisboa entrou no terreno *camouflada*. Torso branco com cintas verdes e encarnadas. Era para dar ao inimigo a impressão de zebras futuristas.

Os espanhóis vinham de rôxo, para vêr se passavam por lirios ambulantes.

Começou o combate e, passados

três quartos de hora, verificou-se que a flecha do ataque português precisava de ser toda castigada com quinze dias de prisão disciplinar. Andavam todos a dormir, encostados ás espingardas — com excepção do ponta direita.

Mas como o *foot-ball* nacional sempre se caracterizou pela intelligencia,

a bola era passada para todos os lados, menos para o extremo direito.

No fim do tempo regulamentar, estavam todos muito empatados. Houve um armistício, após o que se resolveu prolongar as operações só para arrelhar o estado maior, que já estava muito *massado*...

Mais meia hora de *corpo-a-corpo* e os espanhóis acabaram por ganhar.

De resto, ganhar já eles tinham ganhado ha muito. Cada um dos arbitros enguliu um *goal* como quem engole uma capsula de oleo de ricino — sem copo de agua...

Recorte duma critica:

— «Com esta fase, os *brancos* parecem animar em entusiasmo, mas continuam fraquejando em jogo...»

Realmente, a animação de alguns clubs leva-os, em regra, a grandes fraquezas...

Tendo alguns jornais americanos publicado uma informação segundo a qual um grande empresario teria oferecido ao celebre tennista Tilden um salario anual de 25.000 *dollars*, o grande jogador declarou que a noticia não tinha fundamento.

E acrescentou que continuaria, como até aqui, a defender valentemente a bandeira do amatorismo... a não ser que dobrem a oferta e lha entreguem adiantada...

Rebola-A-Bola.



Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

AS CARAS DOS SPORTSMEN



Equitação



Automobilismo



Rugby



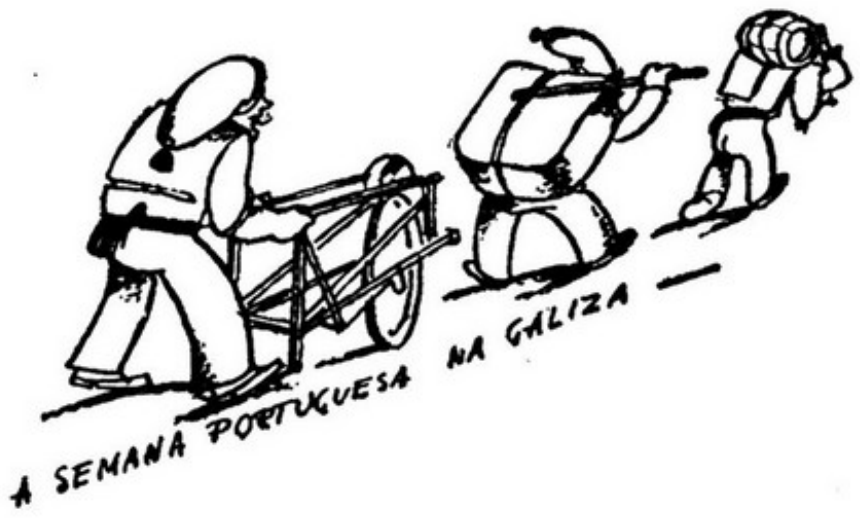
Foot-ball



Tennis

ECOS DA SEMANA

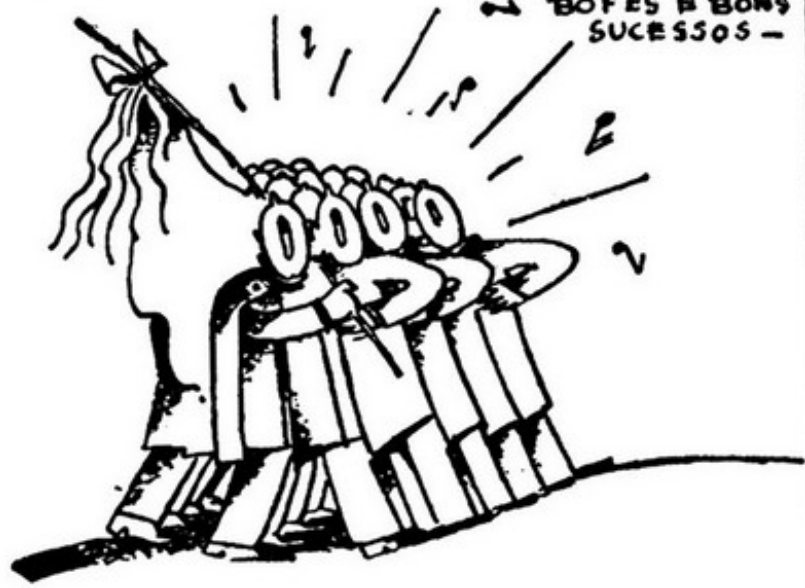
A TITULO DE INTERCAMBIO, CONSTA QUE OS NOSSOS LITERATOS, VAO A GALIZA VENDER AGUA, RENDAS E AMOLAR TESOURAS. O TRAJE SERA PORTUGUES CARACTERISTICO



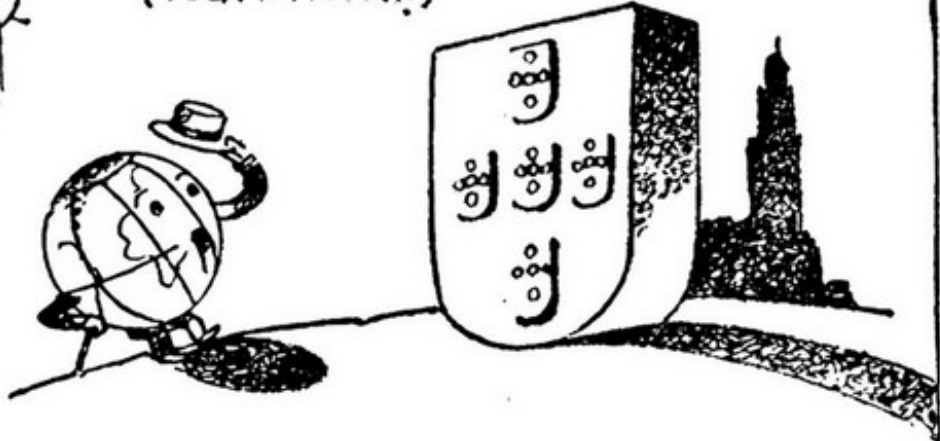
A SEMANA PORTUGUESA NA GALIZA

PASSOU POR LISBOA O ALTERNADISSIMO ORFEAO DE COMBRA - DESEJAMOS-LHE BONS

BOFES E BONS SUCESSOS -



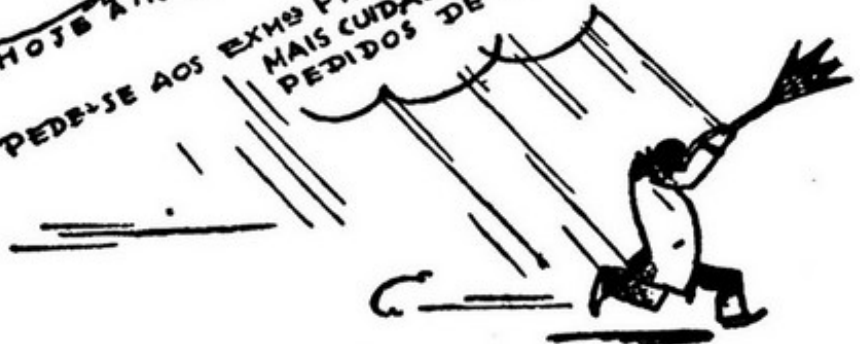
OXALA, A EXPOSICAO PORTUGUESA EM SEVILHA, SEJA UM PADRAO DE GLORIA AOS OLHOS DO MUNDO. (TOCA A MUSICA)



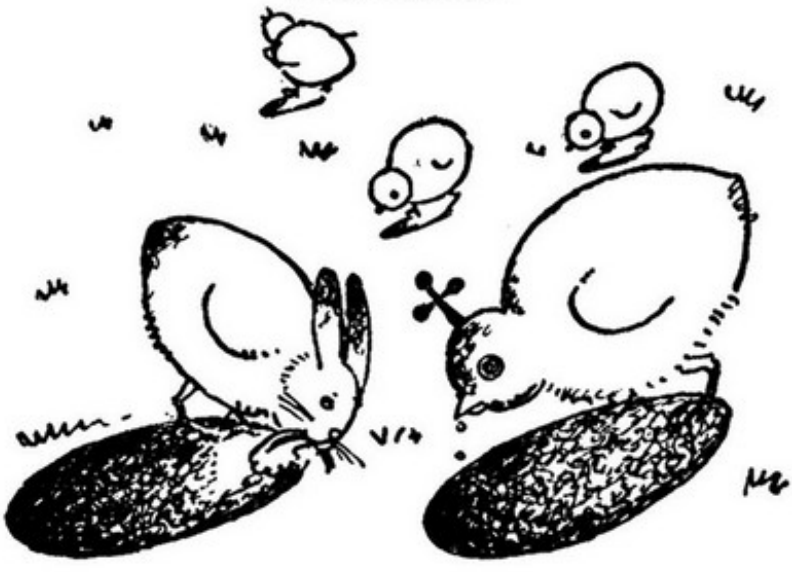
E FOI ASSIM QUE CABRAL DESCOBRIU O BRASIL



HOJE AINDA ESPERA UMA ESTATUA DIGNA - PEDIR-SE AOS EXHIBIBIS MAIS CUIDADO COM OS PEDIDOS DE CHUVA



EXPOSICAO "AVICOLA" DA TAPADA



ENTRE OS VARIOS GALINACEOS DESTACARAM-SE OS PINTOS COELHOS E OS PINTOS BASTOS -

COMEÇARAM, COM GRANDE EXITO EM PROSPECTOS, AS CARREIRAS AEREAS DE TAXIS - OS PALHINHAS VAO RECLAMAR -

